

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO “JANE VANINI”
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

THAÍS FONSECA DA SILVA

**CARTAS DE OLGA BENARIO:
ESPAÇOS DE CONSTITUIÇÃO DE CENAS ENUNCIATIVAS**

**Cáceres - MT
2009/1**

THAÍS FONSECA DA SILVA

**CARTAS DE OLGA BENARIO:
ESPAÇOS DE CONSTITUIÇÃO DE CENAS ENUNCIATIVAS**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Neuza Benedita da Silva Zattar

**Cáceres - MT
2009/1**

THAÍS FONSECA DA SILVA

**CARTAS DE OLGA BENARIO:
ESPAÇOS DE CONSTITUIÇÃO DE CENAS ENUNCIATIVAS**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Neuza Benedita da Silva Zattar
Orientadora
Departamento de Letras – UNEMAT

Profa. Dr^a. Vera Regina Martins e Silva
Convidada
Departamento de Letras – UNEMAT

Prof. Ms. Taisir Mahmudo Karim
Convidado
Departamento de Letras – UNEMAT

Aprovada em 6 de junho de 2009.

*Àquelas que sempre me apoiaram e ajudaram
nesta caminhada: minha mãe Cristina
e minha avó Pacífica.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido Deus, por me proporcionar condições e sabedoria para realizar um trabalho tão importante e por me dar sempre esperanças e perspectivas de crescimento.

À minha mãe que, indiretamente, me ajudou na elaboração desta pesquisa.

Aos meus familiares e parentes que me apoiaram e me deram forças para não desistir e concluir vitoriosamente mais uma etapa de minha vida.

Aos meus queridos amigos que, em momentos de insegurança e desânimo, me impulsionaram a concluir este trabalho.

Aos professores do curso de Letras, que contribuíram para minha formação acadêmica e profissional, especialmente à professora Dr^a. Neuza Zattar que, com muita paciência, dedicação e autenticidade, me orientou neste trabalho formidável na área da Semântica.

Aos professores Taisir Mahmudo Karim e Vera Regina Martins e Silva, pela contribuição nas bancas de pré-defesa e defesa deste trabalho.

À UNEMAT, pela oportunidade de cursar e concluir o curso de Letras em Cáceres.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente me auxiliaram na elaboração deste trabalho monográfico, transmitindo pensamentos positivos em relação à conclusão.

*Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. [...]
Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver.
Agora vou dormir para ser mais forte amanhã.
(Olga Benario)*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	
OLGA BENARIO: MILITANTE E MULHER	11
CAPÍTULO II	
QUADRO TEÓRICO	16
CAPÍTULO III	
CARTAS DE OLGA BENARIO: CENAS DE ENUNCIÇÃO.....	20
3.1 A constituição das cartas.....	20
3.1.1 Carta encaminhada à Embaixada do Brasil em Berlim, em 9/12/1936.....	20
3.1.2 Carta recebida pela Gestapo, Berlim, 21/12/1936.....	22
3.1.3 Carta encaminhada a Leocádia Prestes, Berlim, 31/01/1937.....	23
3.1.4 Carta encaminhada a Carlos Prestes, Berlim, 02/1938.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
ANEXO.....	32

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade analisar as cartas de Olga Benario, produzidas em espaços de enunciação da Língua Oficial da Alemanha e traduzidas para a Língua Oficial do Brasil, na perspectiva das cenas enunciativas, compreendidas como espaço em que o sujeito se constitui na e pela linguagem. Utilizamos como *corpus* quatro cartas de um conjunto de dez, publicadas no livro *Olga*, de Fernando Morais, nas quais observamos como se constituem os sujeitos (locutor e alocutário) nas cenas de enunciação e as diferentes posições de sujeito assumidas por Olga Benario nesses espaços de dizer. No contexto sócio-histórico e ideológico dos campos de concentração, na Alemanha, as cartas passavam pela censura da Gestapo, produzindo o efeito da proibição de certos sentidos pelo impedimento de o sujeito se inscrever em determinadas formações discursivas.

Palavras-chave: Cenas Enunciativas. Figuras da Enunciação. Efeitos de Sentido. Cartas de Olga Benario.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida para alcançar os objetivos deste trabalho inicia-se com a leitura do livro *Olga*, de Fernando Morais, que retrata uma das mulheres que marcaram a história do comunismo no Brasil, mesmo com a fracassada Revolução Nacional Libertadora no governo ditatorial de Getúlio Vargas.

Compreendendo que o funcionamento da língua se dá por ela estar afetada pelo interdiscurso, filiamo-nos à teoria da Semântica do Acontecimento, de Eduardo Guimarães, para analisar a constituição das cartas de Olga Benario, na perspectiva da cena enunciativa, definida pelo autor como o espaço de acesso à linguagem em que se dá a instituição dos sujeitos que enunciam.

Convém destacar que, pelo regulamento prisional alemão, as cartas formuladas pela figura enunciativa representada por Olga são redigidas em espaço de enunciação da Língua Oficial da Alemanha, depois traduzidas para a Língua Portuguesa, Língua Oficial do Brasil, para, então, serem encaminhadas aos destinatários.

A semântica refere-se ao estudo da significação das palavras e, especificamente neste trabalho, trataremos da semântica enunciativa que evidencia a relação entre as figuras enunciativas nas cenas de enunciação.

A Semântica do Acontecimento é o ramo que analisa o sentido da linguagem localizado no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer. Assim, tomar o ponto de vista de uma semântica linguística é tomar como lugar de observação o sentido, o enunciado. Saber o que significa a forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado (GUIMARÃES, 2005b).

Este trabalho monográfico é constituído de três capítulos. No primeiro, apresentamos um percurso da vida de militante de Olga Benario, na Alemanha, a sua vinda para o Brasil com Luís Carlos Prestes, o desembarque na cidade do Rio de Janeiro e o retorno para a Alemanha como prisioneira deportada.

No segundo capítulo, mobilizamos alguns dos conceitos teóricos formulados por Guimarães, em *Os Limites do Sentido* (2005a) e em *Semântica do Acontecimento* (2005b),

para a análise das cartas formuladas por Olga Benario, dadas as suas condições de produção históricas, políticas e ideológicas.

No terceiro capítulo, desenvolvemos uma análise enunciativa das cartas produzidas durante a sua permanência nas prisões Lichtenburg e Ravensbrück, na Alemanha, nas quais se constituem as figuras enunciativas, destacando as várias posições de sujeito assumidas pela locutora-Olga.

O *corpus* deste trabalho compreende dez cartas produzidas por Olga Benario, publicadas na obra homônima *Olga*, de Fernando Morais.

Para a análise, selecionamos quatro cartas que mostram diferentes lugares do dizer da locutora-Olga: a primeira dirigida à Embaixada Brasileira em Berlim, em 9/12/1936, fala sobre o requerimento de nascimento da filha; a segunda refere-se à resposta da primeira carta encaminhada a Olga, via Gestapo, em 21/12/1936; a terceira é encaminhada à D. Leocádia, a quem participa o nascimento da filha, em 31/01/1937; a quarta, finalmente, é destinada a Carlos Prestes, na qual Olga relata a separação de sua filha, em fevereiro de 1938.

O enunciado, enquanto unidade de discurso, será tomado como unidade de análise, tendo em vista que o sentido de um enunciado é a representação de sua enunciação.

Nas cartas que serão analisadas, o *corpus* e a própria análise estão intimamente ligados, pois, segundo Orlandi (1989, p. 25), “analisar, de certo modo, é dizer o que pertence ou não a um *corpus* determinado.”

CAPÍTULO I

OLGA BENARIO: MILITANTE E MULHER

Esta pesquisa tem como objeto de investigação a análise enunciativa das cartas de Olga Benario endereçadas a familiares, no Brasil, durante a sua permanência nos campos de concentração Lichtenburg e Ravensbrück, na Alemanha, no período de 1936 a 1942.

Neste capítulo, faremos um percurso da vida de militante de Olga Benario, na Alemanha, a sua vinda para o Brasil com Luís Carlos Prestes, a quem ela tinha a missão de proteger, o embarque em Moscou, Rússia, até o desembarque na cidade do Rio de Janeiro, e o envolvimento sentimental com seu companheiro de viagem.

Começamos falando de Olga ainda em sua terra natal. Descendente de pais judeus, nasceu em Munique, na Alemanha, em 12 de fevereiro de 1908.

Inicialmente, através da convivência com relatos de clientes de seu pai, operários atingidos pela crise que se instalou na Alemanha, Olga teve os primeiros contatos com as ideias liberais avançadas (MORAIS, 1994). Desta forma, as noções embrionárias sobre os problemas sociais acontecem no escritório de seu pai, ao folhear os processos trabalhistas de Leo Benario.

Aos 15 anos de idade, Olga já tinha uma sólida base cultural formada através de leituras de escritores e pensadores alemães. Ao mesmo tempo, começou a participar de encontros, às escondidas dos pais, promovidos pela Juventude Comunista, organização política na qual passou a militar ativamente. O fato de se filiar à Juventude comunista aborreceu grandemente sua mãe.

Suas atividades na organização a aproximaram do jovem dirigente Otto Braun, com quem namorou aos 16 anos. Em 1928, a jovem de olhos de águia comanda um grupo de jovens comunistas que invade a prisão de Moabit para libertar o namorado. Os dois fogem, em

seguida, para Moscou, onde Olga foi escolhida para fazer treinamento militar e carreira no Comintern¹.

A dedicação e a certeza de que sua missão era lutar por uma sociedade mais justa e igualitária a separaram, gradativamente, de Otto. Nesse gesto, evidencia-se a tamanha aspiração de Olga por almejar um mundo socialista, onde todos tivessem vida digna e oportunidades iguais, a ponto de renunciar à paixão existente entre ela e Otto, considerado exemplo de militância.

Depois de participar da preparação militar no Comintern, Olga é enviada à sua primeira missão. Em 1934, é designada por Dmitri Manuilski, dirigente Central do Partido Comunista, para acompanhar Luís Carlos Prestes, brasileiro que liderou a famosa Coluna Prestes, e garantir a segurança dele. No Brasil, Prestes seria o líder de uma revolução que tentaria instalar o comunismo no país.

Nessa missão, Olga apresentou-se como mulher de Prestes, em lua de mel, ambos portando documentos falsos. Ela, como Maria Bergner Vilar, e ele, como Antonio Vilar, adotando o perfil de um nobre casal português. Todo esse disfarce tinha como objetivo garantir a segurança do “esposo”.

Durante a viagem, dadas as condições de proximidade e identidade política, declaram-se enamorados, sentimento que Olga abafava em função da militância política.

Ao chegarem ao Brasil, instalam-se na cidade do Rio de Janeiro e iniciam os preparativos para a revolução. Mas, com o fracasso da Intentona Comunista de 1935, nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro, são presos e separados.

Olga declarou, logo depois da prisão, aos jornalistas brasileiros que estava esperando um filho de Prestes. Segundo ela, o governo de Getúlio Vargas cometeria "um ato absurdo contra uma mulher grávida" (MORAIS, 1994, p. 171). Mas Vargas, como vingança pessoal de Prestes e, na tentativa de uma aproximação com o regime nazista de Hitler, que admirava, decidiu deportar Olga para a Alemanha e manter a prisão de Prestes, no Brasil.

O navio cargueiro La Coruña, que levou Olga grávida de sete meses a bordo, saiu com ordens, estritamente expressas, para não parar a embarcação em nenhum outro porto

¹ Cf. Moraes (p. 47), Comintern é um termo que designa a Internacional Comunista (1919-1943), isto é, organização internacional fundada por Vladimir Lênin e pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em março de 1919, para reunir os partidos comunistas de diferentes países.

estrangeiro, uma vez que corriam notícias de que os portuários franceses e espanhóis resgatavam prisioneiros deportados para a Alemanha.

Na Alemanha, Olga fica incomunicável em uma prisão de mulheres, chamada Barnimstrasse. Em 27 de novembro de 1936, um ano após o fracasso da revolução, nasce Anita Leocádia, sua filha com Prestes.

Dona Leocádia, mãe de Prestes, desencadeou uma forte campanha na Europa, pela libertação de seu filho, da nora e de sua neta, mas não obteve resultado. Mãe e filha permaneceram presas durante 14 meses, sob a determinação de que assim que acabasse o leite materno, a criança seria retirada dos cuidados da mãe. Findado esse período, a criança foi entregue aos cuidados da avó, mas o fato de que a criança ficaria sob os cuidados da avó paterna só chegou ao conhecimento de Olga meses depois.

As cartas, objeto desta pesquisa, começam a ser escritas nessa época, pois, incomunicável como estava, as relações de linguagem, os contatos de Olga com Prestes e a sogra, só se dariam única e exclusivamente através das cartas enviadas e recebidas. Submetidas à censura prisional, as cartas eram escritas em alemão, pois “[...] a correspondência entre elas estava autorizada oficialmente, mas seria submetida à censura pela Gestapo – teria que ser, portanto, escrita em alemão” (MORAIS, 1994, p. 189).

Além disso, pelo regulamento da prisão, ela poderia receber apenas três cartas por mês, como mostra o trecho da primeira carta de Olga endereçada a sua sogra Leocádia: “[...] Você me perguntou quantas vezes pode escrever-me. Pelo regulamento da prisão, posso receber uma carta a cada dez dias” (idem, p. 190).

Olga passa a estabelecer contato, por cartas, com seus entes queridos, a partir do terceiro mês do nascimento de Anita, na prisão de Barnimstrasse², Berlim, período em que a avó fica sabendo do nascimento da neta.

Em 1938, Olga foi transferida para o campo de concentração de Lichtenburg. E no ano seguinte, mandada para Ravensbrück, o primeiro campo exclusivo para mulheres, onde ainda demonstrando sua habilidade nata em comandar, tornou-se líder do bloco onde dormia e chegou a dar aulas a outras presas.

² Temida prisão de mulheres da Gestapo, uma construção de mais de um século por onde havia passado, duas décadas antes, sua heroína Rosa Luxemburgo. (Idem, p. 186)

Em fevereiro de 1942, Olga foi executada juntamente com outras duzentas prisioneiras na câmara de gás de Bernburg. A notícia de sua morte veio através de um bilhete escondido na barra da saia de uma presa.

Mesmo sabendo o que a esperava nos campos de concentração, Olga se manteve viva e confortada pela vida saudável da filha, do amor que nutria por Prestes, das cartas que recebia. Nessa troca de correspondências, as cartas representavam o elo entre a vida prisional e a liberdade, e nas quais podia se abrir e revelar seu medo, suas angústias, incertezas e demais sentimentos, que não deixava transparecer para suas companheiras de cela.

Sua superação deveu-se ao amor incondicional que dispensava aos seus entes queridos. Além disso, não se deixou vencer pela morte, pois demonstrou coragem e persistência em todas as cartas, como expressa nesta última enviada a seu esposo Carlos e a sua filha Anita:

“Queridos:

Amanhã vou precisar de toda a minha força e de toda a minha vontade. Por isso, não posso pensar nas coisas que me torturam o coração, que são mais caras que a minha própria vida.

E por isso me despeço de vocês agora. É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a ver-te, que nunca mais voltarei a estreitar-te em meus braços ansiosos. [...] Sua avó, em princípio, não estará muito de acordo com isso, mas logo nos entenderemos muito bem. Deves respeitá-la e querê-la por toda a tua vida, como o teu pai e eu fazemos. Todas as manhãs faremos ginástica...[...] Carlos, querido, amado meu: terei que renunciar para sempre a tudo de bom que me destes? Conformer-me-ia, mesmo se não pudesse ter-te muito próximo, que teus olhos mais uma vez me olhassem. E queria ver teu sorriso. Quero-os a ambos, tanto, tanto. E estou tão agradecida à vida, por ela haver me dado a ambos. Mas o que eu gostaria era de poder viver um dia feliz, os três juntos, como milhares de vezes imaginei. [...] Querida Anita, Meu querido marido, meu garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. É precisamente por isso que me esforço para despedir-me de vocês agora, para não ter que fazê-lo nas últimas e difíceis horas. [...] Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão porque se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me

para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã. Beijos pela última vez.
Olga.”

CAPÍTULO II

QUADRO TEÓRICO

Compreendendo a enunciação como acontecimento de linguagem, do dizer, que se realiza através do funcionamento da língua afetada pelo dizível, propomos, neste capítulo, mobilizar alguns dos conceitos teóricos formulados por Guimarães em *Os Limites do Sentido* (2005a) e *Semântica do Acontecimento* (2005b), para a análise das cartas formuladas por Olga Benario, dadas as suas condições históricas, políticas e ideológicas, durante a sua permanência nas prisões de Lichtenburg e Ravensbrück, na Alemanha.

Os estudos da enunciação foram desenvolvidos, no Brasil, por Eduardo Guimarães, a partir dos trabalhos dos linguistas franceses Émile Benveniste e Oswald Ducrot sobre a enunciação. Tratar da enunciação é falar sobre o funcionamento da língua, por isso, deve-se levar em consideração a enunciação num espaço que seja possível enfatizar a constituição histórica do sentido (GUIMARÃES, 2005b).

Para Benveniste, a enunciação é “o colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1976, apud GUIMARÃES, 1989, p.71). A enunciação se realiza quando a língua é posta em funcionamento pelo locutor, característica da enunciação discursiva, na qual o sujeito enuncia. Diz ainda o linguista que toma a enunciação como uma relação do locutor (sujeito) com a língua.

Sobre o sujeito de Émile Benveniste, Guimarães (2005b) diz que não se trata de um sujeito pragmático, por exemplo, mas trata-se de um sujeito que tem a capacidade de se apropriar da língua e semantizar, fazendo-a significar.

Já para Oswald Ducrot (1976, apud GUIMARÃES, 1989, p. 71), a enunciação é definida como “atividade de linguagem exercida por aquele que fala no momento em que fala. Ela é, pois, por essência, história.”

Dos estudos desses autores, os aspectos como a relação do locutor com a língua (BENVENISTE) e o caráter de acontecimento (DUCROT) são retomados por Guimarães que os reorganiza para definir o conceito de enunciação.

Para afirmar que a enunciação tem uma determinação social, Guimarães abre um diálogo com a Análise do Discurso e mobiliza os conceitos de discurso e de interdiscurso. Pêcheux (1969), Orlandi (1992) apud Guimarães (1989, p.73) definem o discurso como “efeito de sentidos entre interlocutores” e o interdiscurso como “a relação de um discurso com outros discursos”, ou seja, “um discurso que se produz como trabalho sobre outros discursos”.

Nessa direção, Guimarães define a enunciação como

[...] um acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. É, portanto, quando um indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento (idem, 2005a, p. 70).

Para Guimarães, a língua só funciona quando afetada por outro discurso já-dito e circulado por outros sujeitos em outros lugares. Por exemplo, se alguém diz “por que este objeto está aqui?”, não precisa evocar a memória discursiva para se obter a resposta, pois se trata de uma enunciação, digamos, sem complexidade; porém, se formular um determinado texto, é preciso retomar alguma coisa já-dita, pois como diz o autor (2005a, p. 66), “o enunciável (o dizível) é um já-dito e, como tal, é exterior à língua e ao sujeito.”

Em *História e Sentido da Linguagem* (1989), Guimarães conceitua o enunciado como uma unidade discursiva que

se caracteriza como o elemento de uma prática social e que inclui na sua definição, uma relação do sujeito (posições do sujeito) e seu sentido, que se configura como um conjunto de formações imaginárias do sujeito e seu interlocutor, do assunto de que se fala (Idem, p. 73).

Na perspectiva dessa teoria, o autor define o sentido de um enunciado como os efeitos de sua enunciação. Ou seja, “são os efeitos do interdiscurso constituídos pelo funcionamento da língua no acontecimento” (2005a, p. 70).

Entendemos assim que o sentido são efeitos da memória do dizível e do presente do acontecimento, ou melhor dizendo, é o encontro entre a atualidade e o passado: posições de sujeito e cruzamento de discursos no acontecimento.

Em *Semântica do Acontecimento* (2005b), Guimarães acrescenta, além da língua, do sujeito e da história, para a conceituação do acontecimento de linguagem, um terceiro elemento que é a temporalidade.

Segundo o autor, a temporalidade se configura

[...] De um lado ela se configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável [...]. Por outro lado, este presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro, que, no acontecimento projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável (GUIMARÃES, 2005b, p. 12).

Desse modo, os tempos no acontecimento são indissociáveis, o presente como se fosse o momento da enunciação, o passado, enquanto memorável das enunciações já realizadas e o futuro, o interpretável.

No conceito de temporalidade, o sujeito não é a origem do tempo da linguagem, o sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento, pois, nessa teoria, ser sujeito de seu dizer é falar de uma posição de sujeito.

Considerando que a relação entre língua e o falante se constitui no acontecimento de linguagem, do dizer, tomamos aqui o conceito de espaços de enunciação definido por Guimarães (2005b, p. 18) como “espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante”, porque são espaços “habitados” por falantes, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. Ou seja, são espaços de funcionamento da Língua Nacional, ou Língua Portuguesa, e de outras línguas instituídas por diferentes sujeitos e modos de dizer.

Pela distribuição de lugares, dos papéis sociais e dos conflitos que insurgem nesses espaços, os espaços de enunciação são compreendidos como espaços políticos, porque são espaços divididos desigualmente pela disputa de palavras.

Como as cenas enunciativas são constituídas pela língua e pelas figuras da enunciação (locutor, alocutário, enunciador), elas também são atravessadas pela política.

Para auxiliar na compreensão deste trabalho analítico, mobilizamos o conceito de cenas enunciativas que, segundo Guimarães (2005b, p. 14), “se caracterizam por constituir modos específicos de acesso à palavra, portanto, são especificações locais nos espaços de enunciação”.

CAPÍTULO III

CARTAS DE OLGA BENARIO: CENAS DE ENUNCIACÃO

Falar em Olga Benario é rememorar partes da história da ditadura militar no Brasil, instalada no governo de Getúlio Vargas, no período de 1930 a 1945, em que foi sendo construída a fracassada Revolução Nacional Libertadora, liderada por Olga e Carlos Prestes que, de alguma forma, confrontavam a posição política de Vargas que, afetada pelo nazismo de Hitler, segundo o escritor Fernando Morais (1994, p. 9), incumbiu um de seus homens de confiança para dar a Hitler, “‘de presente’, a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses”.

As cartas de Olga Benario, formuladas no período em que esteve encarcerada nos campos de concentração Lichtenburg e Ravensbrück, na Alemanha, no período de 1936 a 1942, constituem o *corpus* desta pesquisa. Elas representavam o único elo de linguagem entre Olga (a locutora) e seus entes queridos (sogra, esposo e filha), cuja materialidade linguística e histórica exprimia o direito e o seu modo de dizer.

Na perspectiva da cena enunciativa, enquanto espaço de assunção da palavra constituído de figuras enunciativas, passaremos a analisar como se dá a constituição das cartas formuladas por Olga, em sistema prisional, pela ordem que segue.

3.1 A constituição das cartas

3.1.1 Carta encaminhada à Embaixada do Brasil em Berlim, em 9/12/1936

“Na qualidade de cidadã da República Brasileira, solicito que seja feito o registro de Anita Leocádia Prestes, nascida em 27/11/36, em Berlim, filha do capitão Luiz Carlos Prestes e de sua esposa Olga Benario Prestes.

Ao mesmo tempo desejo saber se me podem indicar o atual paradeiro de minha sogra, sra. Leocádia Prestes e, se possível, o seu endereço.

Peço que dirijam sua resposta à Geheime Staatspolizei [Gestapo], sob o nº. 2428/36 – II 1 A 1, para O. Benario Prestes.

Com estima e consideração,
O. Benario Prestes. ” (MORAIS, 1994, p. 198)

O texto acima refere-se à primeira carta formulada por Olga à Gestapo (polícia secreta do Estado) no espaço de enunciação da Língua Oficial da Alemanha, a língua usada pelos falantes desse país, e essa relação entre língua e o falante só se dá porque há línguas e falantes.

Nessa cena enunciativa, a relação de linguagem é estabelecida entre locutor e alocutário, figuras enunciativas representadas por Olga e por uma autoridade da polícia alemã. É preciso destacar que a formulação dessa carta resulta do efeito da autorização da Gestapo à locutora, a partir de seus direitos de “cidadã da República Brasileira”.

Nesse espaço de enunciação, o sujeito que enuncia é constituído em um espaço de línguas, a língua alemã, e representado por uma prisioneira dividida por seu direito e ao modo de dizer à Gestapo.

Nos enunciados constitutivos do texto da carta, a locutora-Olga, dadas as suas condições históricas e ideológicas de produção, assume várias posições de sujeito:

a) a de cidadã brasileira no exercício de seus direitos que diz “Na qualidade de **cidadã** da República Brasileira [...]”;

b) a de esposa que informa que Anita Leocádia é “filha do capitão Luiz Carlos Prestes e de sua **esposa** Olga Benario”.

c) a de nora que solicita “indicar o atual paradeiro de **minha sogra**”.

As diversas posições de sujeito no texto são atravessadas pelas formações discursivas nas quais o sujeito se inscreve, pois, para se constituir, para produzir sentidos, o sujeito é afetado pelos vários discursos que constituem a enunciação da carta.

No final da carta, a locutora-Olga retoma a posição de cidadã política ao fazer um apelo à Embaixada do Brasil, em Berlim, para que encaminhe a resposta a Geheime Staatspolizei [Gestapo], sob o nº. 2428/36 – II 1 A 1.

A resposta, que significa o retorno de outra enunciação, deve ser encaminhada à Gestapo, via inscrição de números que identificam e distinguem a prisioneira de outras nos campos de concentração onde vive, ou melhor dizendo, nesses lugares de dizer, a prisioneira passa a ser identificada numericamente como um objeto e não como um ser que tem corpo, alma e o direito ao dizer.

O enunciado “desejo saber se me podem indicar o atual paradeiro de minha sogra” significa o total isolamento a que a locutora da carta foi submetida, o que mostra o controle penitenciário sobre uma importante prisioneira, do ponto de vista político, tanto para a Alemanha como para o Brasil.

No enunciado “Peço que dirijam sua resposta”, a locutora, mesmo cerceada da liberdade e do lugar de militância política que a constitui, assume a posição de sujeito de direito, ao dirigir-se à Embaixada brasileira de forma apelativa, solicitando informações, cujo gesto de interpretação suscita o retorno de uma nova enunciação.

3.1.2 Carta recebida da Gestapo, Berlim, 21/12/1936

“À Geheime Staatspolizei [Gestapo]
Prinz-Albrechtstrasse 8
Berlim
Ref. 2428/36 – II 1 A 1
Para Olga Benario

O Departamento Consular da Embaixada do Brasil em Berlim comunica, em resposta à carta de 9 do corrente, que o requerimento para registrar sua filha foi encaminhado ao Ministério das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro, que decidirá sobre o assunto. Logo que seja dada uma resposta, será a mesma levada ao seu conhecimento.

A sra. Leocádia Prestes não é aqui conhecida e assim não é possível ser comunicado o seu endereço” (MORAIS, 1994, p. 199)

A conjuntura política e diplomática que envolve o Brasil e a Alemanha, entremeada pelas manifestações pró liberdade da prisioneira Olga e pela importância de Prestes na história do comunismo no Brasil e na Europa, fez emergir uma outra enunciação produzida por um locutor representante do Departamento Consular da Embaixada do Brasil, em Berlim, que

informa o encaminhamento da solicitação ao Ministério das Relações Exteriores, no Brasil. E são essas relações que sustentam politicamente o ritual da linguagem através das correspondências produzidas em determinadas regularidades.

As cartas enviadas e recebidas são constituídas nos espaços de enunciação da Língua Oficial da Alemanha e depois traduzidas para a Língua Portuguesa do Brasil. Os efeitos de sentido produzidos pelo processo de tradução das cartas da língua alemã para a língua portuguesa revelam o poder de censura da Gestapo e a sujeição do sujeito para compartilhar a língua além da prisão.

Ainda sobre o espaço de línguas em que se dão as práticas da tradução do alemão para o português, De Conti (2007, p. 36) diz que

a língua é indissociável do sujeito, de modo que o discurso que constitui as práticas de um determinado grupo também se imprime naquilo que é reconhecido como o idioma compartilhado por seus membros. Sendo um objeto histórico, a língua possui uma história que é compartilhada com seus falantes.

Esse compartilhamento com os falantes permite que a língua seja atribuída a um determinado grupo, conclui De Conti (idem). E é nesse lugar de atribuição de uma língua, seja alemã ou portuguesa, que Guimarães chama de espaço de enunciação.

3.1.3 Carta encaminhada a Leocádia Prestes, Berlim, 31/01/1937

“Querida Mamãe:

Acabo de receber suas cartas de 1º e 9 de janeiro. Você pode imaginar a alegria que elas trouxeram.

Primeiro quero informá-la que você é avó. No dia 27 de novembro dei à luz a pequena Anita Leocádia. É uma menina saudável, que nasceu pesando 3800 gramas. [...]

Atualmente estou em uma “detenção de proteção” (*Schutzhaft*), mais precisamente, na enfermaria de uma prisão feminina. No parto houve complicações e estive gravemente doente, mas agora já superei isso.

Você me perguntou quantas vezes pode escrever-me. Pelo regulamento da prisão, posso receber uma carta a cada dez dias. Fico contente de poder colocá-la a par do desenvolvimento da minha filha. Eu lhe peço que me escreva quando possível contando o que sabe sobre a situação do Carlos.

Desde 23 de setembro, isto é, desde o dia em que fui expulsa do Brasil, estou sem notícias dele. Depois do nascimento da pequena eu lhe dirigi uma carta, mas até agora não obtive resposta. Eu queria que você me enviasse, em uma das próximas cartas, uma fotografia do Carlos, pois não tenho nenhuma aqui.

Querida mamãe, espero com paciência a sua resposta. Com meus melhores votos por sua saúde...

Eu te beijo. Sua filha,

Olga.”

(MORAIS, 1994, p. 190)

Na sequência enunciativa, que constitui a carta acima, a locutora-Olga assume várias posições de sujeito. Na posição de filha, dirige-se à sogra dizendo: “Querida Mamãe”; na posição de prisioneira informa que está “em uma detenção de proteção”, na enfermaria; e assume a posição de esposa que deseja saber notícias de Carlos Prestes. Ao final, como na carta anterior, retoma a posição de filha, ao despedir-se da alocutária, representada por Dona Leocádia.

Segundo Orlandi (1999, p. 49),

Quando falo a partir da posição de “mãe”, por exemplo, o que digo deriva seu sentido, em relação à formação discursiva em que estou inscrevendo minhas palavras, de modo equivalente a outras falas que também o fazem dessa mesma posição.

Na sequência enunciativa da carta cabem alguns questionamentos como: por que D. Leocádia não se antecipou em informar a Olga que já tinha conhecimento do nascimento da neta? O que teria determinado o silêncio da notícia do nascimento? Podemos dizer que a alocutária-D. Leocádia não se antecipa porque o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz e não do que o outro poderá dizer por ele. Com relação ao silêncio, Orlandi (1997, p. 75) diz que “o silêncio funciona como o não-dito necessariamente excluído, evitando os sentidos que se quer apagar”.

A cena enunciativa da carta prisional só se constitui porque há um locutor, representado por Olga, e o seu alocutário, representado por D. Leocádia. Assim, o espaço de enunciação, enquanto espaço de funcionamento de língua alemã, é regulamentado e censurado, ou seja, o funcionamento da língua deve atender às normas de correspondência e à censura impostas pela Gestapo para produzir sentidos regulados, controlados. O que se entende por uma linguagem

afetada por regras? Uma linguagem que pode produzir determinados sentidos e não outros, em que os sentidos nessas condições migram, dispersam, se misturam, se transformam.

Chama a atenção nessa carta o silêncio de Prestes quanto ao retorno da correspondência, pois, segundo a locutora, “Depois do nascimento da pequena eu lhe dirigi uma carta, mas até agora não obtive resposta”. Esse silêncio pode ser compreendido como o silêncio local que, conforme Orlandi (1997, p. 76), representa “a manifestação mais visível desta política: a da interdição do dizer”. E um exemplo desse silêncio é a censura, “a produção do silêncio sob forma fraca, isto é, é uma estratégia política circunstanciada em relação à política dos sentidos: é a produção do interdito, do proibido” (idem, p.76-77).

Assim, os enunciados constitutivos das cartas produzem efeitos de sentido que são regulados pela Gestapo, mas que estrategicamente migram, atravessam fronteiras e projetam outras possibilidades de interpretação da “produção do proibido”.

Queremos destacar que as regularidades das cartas prisionais não são gratuitas, pois as regularidades ocorrem, dada a conjuntura política que une os dois países, de modo a facultar, sob a regularidade, o movimento da palavra entre cidadãos prisioneiros e cidadãos livres.

3.1.4 Carta encaminhada a Carlos Prestes, Berlim, 02/1938

“Carlos:

Posso dizer-lhe que, junto com o dia 5 de março de 1936, o 21 de janeiro de 1938 foi o dia mais negro da minha vida. Frente a tais acontecimentos, fica-se diante da alternativa de sucumbir ou tornar-se mais dura. E você sabe que, para mim, só existe a segunda alternativa. Para isso, felizmente, ajuda-me bastante o fato de que sou capaz de distinguir entre a insignificância das questões pessoais e os acontecimentos históricos mundiais do nosso tempo. Mas no meio de tudo isso há algo bom: todo o meu amor e o meu carinho não poderiam substituir, para a pequena, o que ela precisa na vida. Lígia escreveu-me contando que Anita brinca com a bolsa dela, [...].

Pedi a Lígia que fotografasse um sorriso de Anita para você – o que se diz é que o sorriso dela encanta as pessoas. E é esse doce sorriso da nossa pequena que encerra um sopro de felicidade para seus pais.

A tua,

Olga.”

(MORAIS, 1994, p. 206-207)

Essa carta corresponde à terceira correspondência encaminhada ao alocutário-Prestes, e, enquanto cena enunciativa, caracteriza-se por constituir “modos específicos de acesso à palavra, dadas às relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2005b, p. 23).

As figuras enunciativas nessa cena são representadas pela locutora-Olga Benario e o alocutário-Carlos Prestes. O argumento da carta se fundamenta na posição da locutora-Olga de “tornar-se mais dura” para a superação das dificuldades políticas e humanas que vivencia na prisão.

Nesse relato, retomam-se os acontecimentos ocorridos no dia “21 de janeiro de 1938”, que significam a separação entre mãe e filha, e no “dia 5 de março de 1936”, data em que Olga se separa de Carlos Prestes, no Brasil, como efeito de memória constituído pelo funcionamento da língua no acontecimento do dizer.

Convém destacar a distinção que a locutora Olga faz entre “a insignificância das questões pessoais e os acontecimentos históricos mundiais do nosso tempo”, pelo fato de que enuncia afetada, ao mesmo tempo, pelas relações pessoais que ficam sobredeterminados pelos acontecimentos históricos e políticos que resultaram em sua prisão. Nessa relação, a locutora-Olga retoma ou fala do lugar de militante política fortemente afetada pelos ideais do comunismo que a constituem.

Nesse documento ficam afloradas a sensibilidade e a feminilidade da prisioneira, por um lado, e a racionalidade com relação ao lugar em que se encontra e com a futuridade que vai se constituindo para ela.

O enunciado “junto com o dia 5 de março de 1936, o 21 de janeiro de 1938 foi o dia mais negro da minha vida” rememora duas datas que produzem efeitos da separação maternal e de esposa. A primeira é a separação do casal que segue destinos opostos; a segunda é a separação entre mãe e filha. As duas separações têm efeitos relativamente comuns, pois o que predomina é o sentimento de perda.

Como vimos no capítulo anterior, o sentido desse enunciado só se dá porque o presente está interligado a um passado, que recorta como memorável, e à futuridade, como podemos visualizar na colocação de Guimarães:

[...] este presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro, que, no acontecimento projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável (GUIMARÃES, 2005b, p. 12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, analisamos as cartas formuladas por Olga Benario, na perspectiva das cenas de enunciação, nas quais as figuras enunciativas (locutor e alocutário) se constituem na e pela linguagem, e observamos as diferentes posições de sujeito assumidas pela locutora-Olga, dadas as suas condições de produção que incluem o contexto sócio-histórico e ideológico.

As cartas, enquanto cenas de acesso ao dizer, são também chamadas de cenas enunciativas ou de enunciação, e se dão no espaço de enunciação de Língua Oficial da Alemanha traduzidas para a Língua Oficial do Brasil, a Língua Portuguesa.

Tratando-se de uma prisioneira conhecida no Brasil e na Europa pela tentativa de instalar o comunismo no Brasil, juntamente com seu companheiro Carlos Prestes, as correspondências produzidas pela locutora-Olga passam pela censura, aqui compreendida como o impedimento ou a interdição desse sujeito se inscrever em determinadas formações discursivas. Daí a leitura das cartas, a tradução, para, então, serem encaminhadas aos familiares. A interdição busca impedir que se produza outros sentidos e não os regulados pela Gestapo.

Observa-se, nas sequências enunciativas das cartas selecionadas para análise, que a locutora-Olga fala de diversos lugares interpelada pelos discursos que atravessam o seu dizer. Assim, se coloca na posição de cidadã brasileira, de mãe, de esposa e de militante comunista, que se sobrepõem a sua condição de prisioneira. Os lugares sociais do dizer da locutora, segundo a teoria à qual nos filiamos, são os lugares em que o sujeito está autorizado a falar.

Nas missivas ficam afloradas a sensibilidade e a feminilidade da prisioneira, por um lado, e a racionalidade com relação ao lugar em que se encontra e com a futuridade que vai se constituindo para ela.

Esta pesquisa me proporcionou o estudo da teoria da Semântica do Acontecimento, especialmente das cenas enunciativas, que possibilitaram analisar teoricamente a materialidade linguística e histórica das cartas de Olga Benario, observando o funcionamento da língua no acontecimento do dizer.

Nosso intuito nesta pesquisa é o de proporcionar reflexões a respeito da construção de cenas enunciativas e das figuras enunciativas através de cartas ou manuscritos como os produzidos por Olga, e mostrar que o sujeito pode assumir várias posições toda vez que se inscrever numa determinada formação discursiva que, ao recortar o interdiscurso, determina o que pode e o que não pode dizer.

Queremos dizer ainda que, a partir deste estudo, os acadêmicos se sintam estimulados a trabalhar os aspectos semânticos da linguagem teoricamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE CONTI, Davi Faria. As fronteiras da legendagem: um estudo dos efeitos de sentido nas legendas de *Desmundo*. In BOLOGNINI, Carmen Zink (Org.). **Discurso e ensino**: o cinema na escola. Mercado de Letras, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e história. In _____. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. Historicidade do Sentido. In _____. **Os Limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

_____. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005b.

INDRUSKY, Freda. Reflexões sobre a linguagem: de Bakhtin à análise do discurso. In. **Línguas e Instrumentos lingüísticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

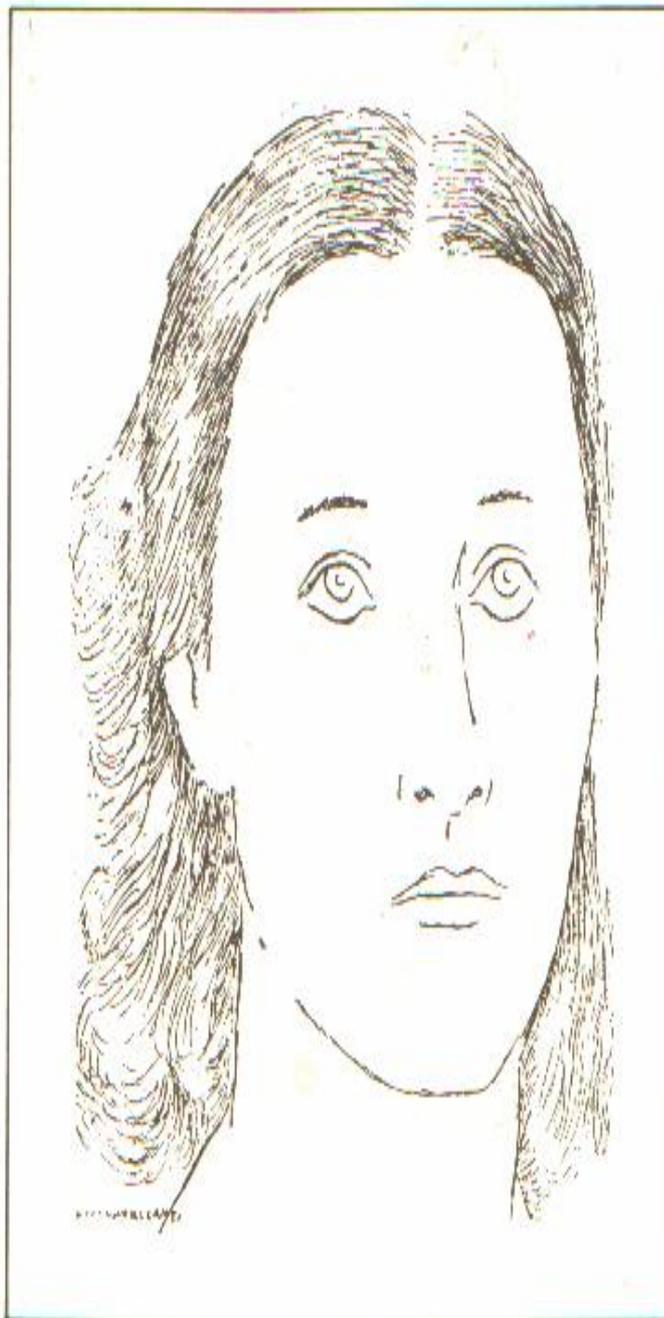
ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

MORAES, Fernando. **Olga**. 17. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994.

ZATTAR, Neuza Benedita da Silva. **O cidadão liberto na Constituição Imperial**: um jogo entre o legal e o real. Tese (Doutorado em Linguística). IEL/UNICAMP, Campinas: SP, 2007.

_____. Manifestos constitucionais: cenas de enunciação políticas. In MALUF, Souza Olímpia e ZATTAR, Neuza B. da S. (Orgs.). **Fronteiras Discursivas**: espaços de significação entre linguagem, história e cultura. Campinas: SP. Capes/PQI (Unicamp-Unemat), Pontes Editores, 2007.

ANEXO



*Retrato de Olga
feito por Di Cavalcanti
para a campanha de
finanças do Partido
Comunista em 1945.*